

574. soletras autonomia, 2013 chrys chrystello

ilhas de névoas e gaze
de novelões e conteiras
do verde e do azul
ó gente de basalto
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços
cais de rola-pipas
mar imenso abraseado
lacerado por vulcões

ilhas de bardos e músicos
republicanos presidentes
poetas, pintores e artistas
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas
do passado feudal
da escravatura da fé
do atavismo ancestral?

soletras autonomia
gaguejas liberdade
titubeias emancipação
com laivos de insubmissão
como a irmã galiza
cicias um 25 de abril
que tarda em chegar

594. autonomias nominais, 2013 susana margarido

"para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar"
Voltaire

hoje acordei sem voz
sem mãos,
sem pés
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores
arquipélago de mil autores
num fiasco de autonomia
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam
em busca de subvenções porfiam
melhor é ficar mudo e quedo
viver dos subsídios esmoleres
submissos e acomodados
pobres despreocupados
servos enfeudados
ingénuos explorados
na eterna espera de Godot
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores
ilhas de mil e uma dores

579. bandeira por desfraldar, 2013 luciano pereira

quero cantar armas e brasões assinalados
faustos doutrora que poucos igualaram
em vez de chorar corruptos governantes
dilapidando pátrias vetustas

quero cantar navegadores e descobertas
missionários e colonizadores
em vez de chorar vendedores de pátrias
de troicas estrangeiras marionetas

quero cantar guerras e batalhas
expulsões de castelhanos e mouros
em vez de chorar um país vendido
à especulação bancária e ao IV reich

quero cantar a vizinha galiza livre
celta, orgulhosa, ancestral
em vez de chorar a repressão
e extermínio por castela

quero cantar liberdade, igualdade e fraternidade
em vez de chorar esta escravatura
o silêncio e o medo sem futuro

que nos impõem
até que alguém sem hesitações
nem temores

se erga e vá
desfraldar a bandeira dos açores

510. lancha do pico 2011 chrys chrystello

lá vem a lancha
lá vem
traz imigrantes, viajantes
memórias vãs por limar
da terra, do fogo
do tempo sem prazo
da fome e do medo
das socas de milho
das pedras por maroiçar

votaram com os pés
fizeram-se ao mar
sem botes nem baleias
para a lonjura das amercas
novas vinhas por esmoutar

voltam abonados
impantes de dólas
sem sueras nem albarcas
ao rossio do mar
lampeiros, apatacados
emigrantes mendigos
de memórias por aparar
perderam as terras
ganharam o mar

lá vem a lancha
lá vem
a bordo não traz ninguém
picarotos perdidos
como só esta ilha tem

comem e bebem

534. açorianices 2011 luciano pereira

disseram para falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
conceiras, milhafres e cagarros
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse
autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
o governo pagava e promovia
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina
avisto o mar em desalinho
mas sem hidranjas
nem açores a esvoaçar
nem vacas alpinistas
não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente.

545. sal 2012 chrys chrystello

sempre que vou ao mar
na boca fica-me um travo a sal
sempre que vou à galiza
os lábios falam-me de portugal
e em goa, timor ou macau
no brasil ou cochinchina
nunca me sinto mal
sândalo, cravinho e canela
arroz-doce, bebinca, balachão
a língua que nos une tem sal
nela me deito e me deixo vogar
nesse oceano da lusofonia
sem ventos nem adamastores
navegam todas as naus
todos irmãos num só mar
bandeiras do mundo sem passaporte
esta a nossa cantiga de embalar
sonhos, utopias por provar.

517. a ilha de todos os medos 2011 **susana margarido**

uma ilha pode ser de todos
 onde quer que se habite
 viver na ilha é quase um naufrágio
 respirar sob as águas turvas
 viajar através do corpo submerso
 vir à tona turbulenta
 partir da ilha sem sair dela
 levá-la para mundos outros
 recriar a origem em qualquer destino
 crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
 mas só alguns a usufruem
 poucos exibem como passaporte
 sem pudor de regionalismos
 atraso, incultura, insucesso
 secular canga feudal, ancestralidade
 alheados na negação da açorianidade
 vencendo na escrita fora da ilha
 arrogância, ostracismo, solidão
 sotaques polidos, discursos em vão

uma ilha pode ser de todos
 deneguem anátemas e maldições
 contra ilhanizados e açorianizados
 albardem-se oportunistas da literatura
 acoutados em rótulos de ocasião
 enjeitem escritores renegados
 tertúlias de Lisboa a Coimbra
 promovam-se os que se não promovem
 pedreiros do magma e lava
 que sentem o que escrevem
 que redigem a alma única

sabor a mar e terramotos

uma ilha pode ser de todos
 merece-a quem a habita
 uma ilha pode ser de todos
 os livros a quem os lê
 a escrita a quem a fabrica
 em relação de bordo¹
 na ilha de nunca mais²
 raiz original e comovida³
 com lágrimas de gente feliz⁴
 estude-se a cor cíclame⁵
 na distância deste tempo⁶
 quando Deus Teve Medo De Ser Homem⁷
 e era o príncipe dos regressos⁸
 em a sombra de uma rosa⁹
 quando havia almas cativas¹⁰
 no contrabando original¹¹
 estava o mar rubro¹²
 de histórias ao entardecer¹³

exaltem e reeditem
 o lavrador de ilhas¹⁴

¹ Cristóvão De Aguiar

² Fernando Aires

³ Cristóvão De Aguiar

⁴ João De Melo

⁵ Maria De Fátima Borges

⁶ Marcolino Candeias

⁷ Daniel De Sá

⁸ Eduardo Bettencourt Pinto

⁹ Eduardo Bettencourt Pinto

¹⁰ Roberto De Mesquita

¹¹ J. Martins Garcia

¹² Dias De Melo

¹³ Fernando Aires

¹⁴ J H Santos Barros

nas escadas do império¹⁵
marinheiro com residência¹⁶
plantador de palavras vendedor de lérias¹⁷
que foi ao mar buscar laranjas¹⁸
e eu fui ao pico e piquei-me¹⁹
à boquinha da noite²⁰
nos silos do silêncio²¹
em a ilha grande fechada²²

era desta açorianidade
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas,
novelistas, romancistas
narradores contadores,
dramaturgos, sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
ninguém a ama ou deseja
como os que nela se querem
sejam nascidos e vividos,
ou apenas trasladados
com raízes que nenhum machado cortará
colhendo flores que só o poeta cantará

voando quimeras que só o vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
onde quer que se habite
deixai que a chame minha
quero-a só para mim
mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
ela pode ser de todos
a ilha de todos os medos

¹⁵ Vasco Pereira Da Costa

¹⁶ Urbano Bettencourt

¹⁷ Vasco Pereira Da Costa

¹⁸ Pedro Da Silveira

¹⁹ Álamo Oliveira

²⁰ Dias De Melo

²¹ Eduíno De Jesus

²² Daniel De Sá

563. quando morrer, 2012 *luciano pereira*

quando eu morrer

não declare nada
que eu não tivesse dito
não elogie nem critique

quando eu morrer

não vá ao meu velório
nem mande flores
escreva uma frase lapidar
e publique-a

quando eu morrer

faça uma festa
leia um poema meu
beba um bom champanhe francês
fume um cubano
seja politicamente incorreto
como eu seria

quando eu morrer

sem ver luz ao fim do túnel
vou esquecer muitas coisas
mas pedirei à minha mulher
que me construa novo taj mahal

564. polir sóis com uma peneira 2012 *chrys chrystello*

polir textos é como arear pratas
dissipa-se a sujidade
mas o fulgor que resta
cintila com menor valia

polir amizades é como sacudir o pó
com a gentileza de uma pena
nada se perde nem se transforma
basta um gesto, um telefonema
uma SMS, uma mensagem
talvez apenas um *like* no Facebook
como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado
questão de sorte e perícia
em panos de fina seda
como limar diamantes em bruto
pode quebrar a agulha ou o casamento
e em vez de 24 ficam 6 quilates

polir países é arriscado
as limas devem ser amoladas
à prova de lóbis e desgovernos
cortam-se as esquinas angulosas
talham-se as aparas mais finas
em areias de fina brancura

é como ir ao alfaiate do tempo
encomendar um fato por medida
para dar com a cor do cabelo
ir ao barbeiro do futuro
fazer a barba que não se tem
e há o risco de cortar o país todo

talhar pessoas
 trinchar tradições
 sem memória
 nem história
 serrar distritos, fender concelhos
 encurtar fronteiras até ao mar
 até finir portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil
 corta-se uma folha de papel em a4
 verifica-se a tinta nos tinteiros
 gravam-se caracteres como granito
 basalto, quartzo ou ametista
 lavram-se sulcos como rios
 erguem-se sombras como montanhas
 sombras de marés vivas ou mar chão
 deixa-se a marinar em banho-maria
 leva-se ao lume brando com pitada de sal
 junta-se pimenta a gosto e louro e basilicão
 retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre ansiei ser poeta
 navegar em utopias
 escrever cardápios de vida
 imensos e belos como o oceano
 livres e úteis como o ar
 na solidão dos mares açorianos

617. geometrias, 2013 susana margarido

a elipse veio à janela
 mordaz sorriu com malícia
 lenta, descreveu um círculo
 com um dichote brejeiro
 triangulou um piscar de olho
 e numa hipérbole sensual
 com uma risada estrídula
 sentou-se quadrada no meu colo

571. cântico quântico açoriano, 2013 luciano pereira

se os escritores soubessem física quântica
 saberiam como as suas obras se disseminam

uma partícula associada à sua antipartícula
 um anti-b-mesão associado ao b-mesão
 mas deteriorando-se mais depressa que o b-mesão
 no meio da maléfica antimatéria
 vagueando pelo universo pluriverso

se os escritores soubessem física quântica
 viveriam todos nos açores
 pois é aqui que o alter ego é a chave
 da maior questão da existência
 como nasceu e como vai morrer
 este nosso universo

515. a nau sem escorbuto 2011 chrys chrystello

arribou nesta praia deserta
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinagem
sem especiarias do oriente
nem arroz do sião ou malaca
sem pérolas de ormuz
nem diamantes da índia
sem cavalos das arábias
nem marfim das áfrias
fora de cochim a meca
de ternate a timor
sem compradores
nem lusitanos feitores

nesta açoriana praia deserta
longe do mar eritreu
há mouros e judeus conversos
cristãos por batizar

os senhores dos açores
ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute
nem estiveram em cipango
não cuidam da pimenta do reino
da noz-moscada, do cravo-da-índia
do açafraão, anis, gengibre e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas

os senhores dos açores,
que não é terra de gentios
chamam-lhe sua e de mais ninguém

como samorim a regem
feitos marajás em palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais

sentado na ameia
frente à seteira
em castelo sem pendão
envio migas de letras
a todos sem literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
sempre a mesma solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá já temos sem-abrigo
drogaditos e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas

romeiros de todas as dores
somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados

o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos
sem naus nem caravelas
sem espadas nem aduelas
sem especiarias nem língua franca
cantando fados a tétis com paixão
com futebol e telenovelas
e fé sem outra afeição

o povo escravo de novo
sofre consternado
às dívidas acorrentado
à mingua de dízimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados
come demagogia e paga iliteracia
santa liberdade e democracia
chora lágrimas de crocodilo
lendo jornais desportivos
com as letras aprendidas
nas novas oportunidades

o povo sofrendo fomes e enfermidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia

queixava-se da sorte caipora
temia do governo as novidades

a geração rasca a parva passara
timidamente na crise despontara
bancos enriqueciam na austeridade
à custa da plebe e do suor já suado
de brandos costumes acostumado
não descera às ruas este povo
faltava-lhe força e inteligência
nem era gleba de novo
antes novos ricos da indigência

ancorada a nau fmi de novos reis
em terra de pagãos e infiéis
não daria berloques aos nativos
apenas a chibata e o chicote
as grilhetas de trabalhos cativos
sem abrigo nem culote

e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perder tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
compradores de votos
com promessas a acenar
o jardim à beira-mar plantado
há muito inculto e estiolado
ia fenecendo devagar
sem gente para o cuidar
e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim desta bela nação.

573. fados e sambas, 2013 **susana margarido**

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
cantigas ao desafio
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras
pintam realidades inesperadas
todos ficam todos partem
em dia de são vapor
tão longe sempre perto
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste
entoado como um samba alegre
manta remendada de nove cores
tapete voador da saudade
sementes da memória
nas paredes do tempo
rasgando o silêncio
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril
filho de muitas ilhas
choro este fado

588. as 4 idades do homem, 2013 **luciano pereira**

adoro as quatro idades do homem
infante de sonhos húmidos
mil e um futuros sem pressas
adolescente de sonhos psicadélicos
a pressa do futuro que se pode perder
a meia idade de sonhos pesadélicos
com a lentidão de quem viveu
a necessidade de contemplar o vivido
reviver conquistas esquecer amarguras
na última etapa sem sonhos délicos
sem medos e sem futuro
esperando encontrar a alma
sem alzheimer nem demências

576. onde os açores não voam, 2013 **chrys chrystello**

tu que nasceste açoriano
nem vais acreditar
onde os açores não voam

não bebi café em ouarzazate
não fui aos 2 mil anos de persépolis
não cacei leões na gorongosa
não comi chicharrinhos em rabo de peixe
não vi pedra nem os budas de bamiyan
nem vi índios de roraima
não fumei ganza nas praias de goa
nem fui em adoração a katmandu
nunca cheguei a machu picchu
nem a hotel de gelo nórdico
nadei na areia branca em dili
em cheoc van em coloane
em bondi de sydney
em kuta beach de bali
em pattaya tailandesa
no bidé das marquesas de s. martinho do porto
na praia azul de espinho
nas águas límpidas de daydream island
nas areias de byron bay
banhei as mãos em tijuca
as cataratas do niágara molharam-me
vi o sol a pôr-se na lapónia
e a nascer em bobonaro
vi sóis, luas, mares e céus
no faial, pico e flores
e nas 3 ilhas santas dos açores
nadei em rotnest island
comi em fremantle
dormi em towal creek comara

vivi em prahran e falls creek
waverley, centennial park
maroubra, coogee e randwick
cottesloe e claremont
lecidere em dili
leiria, tomar e mafra
campo lindo, maria pia e amial
sou de bragança sem lá ser parido
sou australiano sem lá ter nascido
carrego frações da galiza e do brasil
de cristãos novos e alemães
minhotos e marranos
das cruzadas até áfrica
onde nunca estive

e de todos esses locais
que terás de buscar num mapa
encontrei as tuas ilhas
nelas serei açoriano até morrer.

646. Enquanto dormias a nova escravatura chegou, 2013 **luciano pereira**

nenhum de nós é livre
enquanto ao teu lado
houver fome
miséria
desemprego
hoje são os outros
amanhã serás tu
passaram 40 anos

nenhum de nós é livre
enquanto abril não se cumprir